



4ª Conferência: Certificação Florestal e Ambiental Prof. Celso Foelkel, UFSM

Pessoal, bom dia, é bom estar aqui nessa cidade tão acolhedora como Nova Prata, estar com vocês realmente é um desafio, principalmente por estar agora aqui de manhã tão cedo, iniciando os trabalhos do dia.

Eu trouxe a minha cola de transparências/slides e os meus óculos. Vocês viram que eu sou formado em 1970, já tenho 52 anos, então preciso usar óculos também, e a minha cola é grande e vocês vão ter que ser pacientes, porque vou usar muitos slides e vou mostrar de longe aí para vocês alguns documentos interessantes sobre Certificação Florestal.

Vocês podem se perguntar o que o Celso Foelkel está falando aqui sobre Certificação Florestal. Afinal de contas, o Élio Santini acabou de dar o meu currículo, dizendo que fui eleito presidente da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. Realmente eu navego muito bem, há anos, há 30 anos que navego na área de celulose e papel. Mas a área ambiental sempre foi associada com meu trabalho também e durante alguns anos eu fui vice-presidente de meio ambiente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e foi justamente nos anos de 1993 a 1998, onde havia um grande apelo aos aspectos ligados a Certificação Florestal e Ambiental, quer seja a ISO 14.001, quer sejam os assuntos ligados ao FSC – do que resultou que nós mergulhamos muito intensamente liberando um grupo de tarefas da associação dos fabricantes de papel e celulose, hoje chamada Bracelpa, a participar de diferentes formas, de debates sobre a temática da Certificação Florestal.

Eu lembro muito bem, que há algum tempo, quando essa temática começou, houve uma gritaria geral aqui no Brasil, de diferentes órgãos governamentais e diferentes jornais e diferentes empresas que argumentavam principalmente que isso seriam barreiras, que seriam espécies de barreiras para impedir que os brasileiros ganhassem competitividade fora do país. Havia um reclamo generalizado contra o FSC, principalmente pela presença de pessoas radicais dentro da sua composição, como do Greenpeace, Amigos da Terra etc. - havia uma preocupação quanto a isso.

Eu sempre encarei isso como uma oportunidade enquanto vice-presidente do meio ambiente da atual BRACELPA. Por isso, olhei tanto para as duas coisas (ISO e FSC) e disse para mim e para os outros: isso é uma excelente oportunidade para a gente no Brasil sair na frente, para gente realmente mergulhar e conseguir empresas e conseguir apoio, para que nós possamos na verdade, ter empresas certificadas pela ISO 14.001, rapidamente na frente de outras empresas no mundo e também ter empresas certificadas por FSC ou por algum outro tipo de Certificação Florestal para que nós possamos também termos a vanguarda nesse assunto de certificação.

Eu fui muito feliz em coordenar o grupo nesse sentido para nós começarmos a apoiar a participação de grupos técnicos no FSC. Nós passamos a votar os princípios e critérios do FSC aqui no Brasil, nós fizemos uma ampla participação através de uma instituição que foi criada, chamada GANA - Grupo de Apoio a Normatização Ambiental -, para participar dos debates da ISO 14.001 e depois ter uma norma mais justa e não discriminatória, ou seja, todo esse processo foi muito envolvente na minha carreira nos anos 90's. Eu posso dizer que quando eu olho para trás e vejo o

que está acontecendo hoje; eu vejo que tudo valeu a pena, percebo que a certificação florestal está crescendo; percebo que há muito que se fazer ainda; percebo que quanto à certificação ISO 14.001, já temos hoje uma grande quantidade no setor florestal de empresas já certificadas e percebo que principalmente o que eu sempre acreditei que o assunto “Temática Ambiental” é uma temática gostosa, uma temática motivadora, é uma temática que envolve todas as pessoas.

As empresas, principalmente as empresas, elas estão ficando muito grandes, e quando elas ficam grandes, elas começam a ter uma dificuldade de encontrar assuntos que motivem a todos ao mesmo tempo e não há ninguém que não fique motivado a melhorar o meio ambiente. É algo muito fácil motivar as pessoas, porque nós temos uma amizade comum com o meio que nos circunda.

Qualquer pessoa gosta de falar de bicho e planta, gosta de falar de peixe, gosta de falar de coisas da natureza, se encanta em ver filmes ambientais, então, é muito gostoso envolver as pessoas em meio ambiente, principalmente hoje nas empresas. Vejam, eu já fui diretor de empresa, fui diretor da RIOCELL, fui gerente e superintendente da Cenibra, então tenho um trânsito dentro das empresas, eu vejo as empresas hoje com muita dificuldade, de ganhar o envolvimento das pessoas, de ganhar principalmente a confiança e o comprometimento das pessoas, até porque as empresas começaram, como ela tem dificuldade de trabalhar a consciência das pessoas, as empresas começaram a fazer gestão por auditorias e políticas.

O que é uma auditoria? Auditoria é um grupo de pessoas que vai ver se outro grupo de pessoas está fazendo as coisas certas e conformes. Isso é uma auditoria. E hoje é muito comum. No começo você tinha auditoria financeira, auditoria contábil, hoje você tem auditoria de qualidade, auditoria de segurança, auditoria ambiental. Ou seja, quando você vê que as coisas não estão correndo como você gostaria, você cria auditorias. E as auditorias na verdade são sistemas de policiamento ou de fiscalização. Vamos ver se as coisas estão seguindo os procedimentos pré-estabelecidos ou se há alguma não conformidade que precisa ser arrumada. A verdade é basicamente essa.

E as empresas estão trabalhando também com sistemas de políticas, ou seja, temos que tornar claro o que é uma política? Política é uma expressão do pensamento ou da filosofia da empresa, a empresa coloca uma política de qualidade onde ela diz o que ela pensa sobre a qualidade e como ela faz a sua política acontecer. Ela proclama a sua política aos seus funcionários, aos seus clientes, às partes interessadas. A empresa tem uma expectativa que todos na empresa pratiquem aquela política. Para isso ela tem que criar instrumentos de difusão interna dessa política e ao mesmo tempo, ela também tem que criar instrumentos para verificar se essa política está sendo cumprida e aí vem mais uma vez a criação de auditorias para verificar se as políticas enunciadas pela empresa - pode ser uma empresa pública, uma universidade, um colégio, um hospital - não necessariamente precisa ser uma empresa industrial, pode ser até uma escolinha de crianças maternal, desde que eu queira trabalhar com sistema de gestão e esse sistema de gestão implica em definição de uma política, implica na elaboração de procedimentos pré-estabelecidos que devem ser cumpridos e implica em uma avaliação de impactos, implica num programa de melhoria contínua, que possa ter um sistema de gestão. A partir daí eu tenho que ter um sistema de gestão, e a partir daí eu tenho que ter auditorias

para verificar se eu estou cumprindo, se estou fazendo as coisas e se eu estou realmente ganhando os avanços e atingindo as metas que eu proponho alcançar.

Acho que ficou claro para vocês. Então, com a complexidade das atividades empresariais, sendo cada vez mais complexas em termos de gestão, um sistema de gestão baseado em auditorias, baseado em políticas é bastante aplicável no momento. Esse é o momento, não sei como vai ser daqui a 20 anos, definitivamente é difícil, a gente antecipa como serão os sistemas de gestão, num espaço de tempo um pouco mais amplo. O que se percebe é que muitas empresas que ficam muito grandes, estão fazendo divisão em unidades de negócios menores, para que essas unidades de negócios possam ser mais facilmente administradas também. Por outro lado, a empresa de base florestal, como depende de escala de produção, é um tipo de empresa que trabalha na forma de grandes empresas. As empresas buscam as consolidações para ficarem maiores, isso significa também diminuir os custos unitários de produção e fazer produtos mais competitivos, porque os produtos da madeira tem que ser baratos.

A verdade está aqui. Vocês estão sentados em coisa que poderia ser de madeira, só que vocês vão ver que na hora de fazer opção por essas cadeiras confortáveis que vocês estão sentados, esse centro industrial, esse pessoal que coordenou as aquisições deve ter achado essa cadeira de plástico tão confortável quanto uma cadeira de madeira e, talvez, a quantidade em volume comprado e no preço foram mais convenientes. Se a madeira não for barata, ela perde espaço para os alternativos. E a madeira nunca vai atingir valores exorbitantes; não tem dúvida que o preço da madeira não vai crescer a valores exagerados. Algumas pessoas dizem: vai acabar a madeira, a madeira vai desaparecer, vai ficar caríssima. Talvez para o artesanato, para coisas de pequeno consumo, mas para coisas de grande consumo e de larga escala, os produtos madeireiros têm que ser necessariamente baratos.

Aí vem mais uma coisa, eu gostaria de fazer algumas reflexões, sobre uma situação em que nós estamos hoje. A gente ouviu muito, ontem, falar sobre sustentabilidade, manejo florestal sustentável, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Eu defino isso como a grande coisa que aconteceu nos anos 90. Os anos 90 foram muito pródigos, em termos ambientais. Até os anos 80 era muito incipiente a participação da sociedade nos aspectos ambientais. Nós tínhamos um conceito mais extrativista, nós tínhamos um conceito mais de legislação. Os conceitos ligados ao controle de poluição eram mais ligados a diminuição dos poluentes. Pensava-se: vamos fazer chaminés que soprem bastante, misture os poluentes; vamos diminuir os poluentes para baixar a concentração.

Esses eram mais ou menos os conceitos do passado, vamos fazer grandes lixões, de uma forma, que a gente ousou chamar de aterro sanitário, que de sanitário não tem muito. Enfim eram os conceitos dos anos 80 e do início dos anos 90.

Agora esse evento que está começando em Haia, com delegados de mais de 180 países, até muitos delegados brasileiros participando para discutir esse mecanismo de desenvolvimento limpo, deverá ser uma coisa muito profícua também, no estabelecimento de novas sistemáticas para o crescimento. Por outro lado, a Eco 92, teve uma participação muito grande. A grande participação foi essa definição de sustentabilidade.

Agora quando a gente fala em sustentabilidade, nós estamos falando basicamente da sustentabilidade do ser humano, a espécie ameaçada é o ser humano. O conceito de desenvolvimento sustentável é completamente antropocêntrico, ou seja, nós estamos preocupados com a nossa sustentabilidade, em função dos problemas do globo. Quando nós falamos em evolução, quando Darwin enunciou as suas teorias, não significa necessariamente que o processo evolutivo terminou agora e que nós temos uma sociedade humana estável, muito pelo contrário, eu tenho absolutamente certeza que o setor humano é bastante resistente a poluentes orgânicos persistentes, porque aqueles que tinham que morrer por causa desses poluentes já morreram. Então somos selecionados. E todos aqueles que estão sobrevivendo às dioxinas e a outros poluentes orgânicos persistentes é porque são resistentes, mais resistentes que aqueles que não eram, porque o homem desde a antiguidade usava lenha e vivia em cavernas, e quando ele queimava para aquecer ele estava gerando fumaças com alguns poluentes orgânicos bastante perigosos, como o alcatrão queimado. Imagine cheirar fumaça de nó de pinho ou de carvão, certamente muitos daqueles gases são problemáticos, talvez não saibam, mas são problemáticos, e respirar o cheiro daquilo constantemente certamente ajudou a promover uma seleção natural no ser humano desde a época das cavernas.

Nós estamos muito longe de ter um desenvolvimento sustentável, quando a gente vê falar: Nós praticamos manejo florestal sustentável. Vocês viram que há uma tentativa de dizer que é um bom manejo florestal. É claro, nós vamos dizer porque o que nós fazemos hoje é manejo florestal sustentável. Se nós aceitarmos isso, nós já aceitamos que atingimos o topo, escalamos o Everest. Contudo, estamos longe de alcançar um desenvolvimento sustentável, porque o desenvolvimento sustentável implica em algumas coisas difíceis, algumas coisas que nós temos pouca informação e muito pouca ciência. Existe uma revista que é uma Revista Silvicultura – e esse é o número 67 de 96 -, onde tem um artigo interessantíssimo chamado “O mundo abraça as florestas”. E ela coloca todos os processos, os critérios dos processos de Montreal, o processo de Helsinki, o processo de Tarapoto, os critérios indicadores da Organização Internacional de Madeiras Tropicais e os critérios indicadores da Zona Seca da África.

Basicamente todos os critérios desses processos, buscando a sustentabilidade das florestas, implicam em algumas coisas muitíssimo interessantes, e muitas, difíceis de entender. A principal delas é a conservação da biodiversidade: o que conservar? Como conservar? E quando conservar? Começa aí, já é difícil a gente definir isso. Depois se fala do ciclo de carbono. Acabei de ver na Internet que um grupo de pesquisadores acha que as florestas plantadas não são acumuladoras de carbono, porque há sempre a controvérsia de florestas plantadas.

E isso são assuntos polêmicos, assuntos que a ciência tem ainda muita dificuldade em interpretar, os assuntos de conservação do solo, entender os mecanismos de qualidade do solo, dos recursos hídricos, se fala que a água será o petróleo do século 21, entender a conservação dos recursos hídricos é muito complicado e nós na universidade - eu quero manifestar, eu sou professor visitante da UFSM, o meu contrato termina em 15 de dezembro -, eu só quero dizer a vocês que foi a universidade mais generosa e mais amiga que eu já trabalhei. Eu quero dizer que tenho muito orgulho de ser professor dessa

universidade, meus amigos, e com um grupo de 16 professores conseguem fazer um curso de graduação, de pós- graduação a nível de mestrado a doutorado, e um curso de especialização ambiental, pesquisas muito interessantes e mais um curso de mestrado profissionalizante em evolução. Com 16 professores, que é menos da metade que Viçosa e a ESALQ possui, só para dar uma resposta ao meu amigo Totti, de ontem.

Eu gostaria de falar mais algumas coisinhas, sobre o verde, na situação que estamos hoje, pensamos em verde como oportunidade, nós temos inúmeras oportunidades, eu quero colocar algumas reflexões para vocês, primeira delas.

- A gestão ambiental, ela pode ser e deve ser colocada como prioridade das empresas, até porque ela oportuniza as empresas a serem mais eficientes no uso das suas matérias-primas.

Segunda afirmativa.

- A indústria de base florestal é uma das indústrias mais desperdiçadoras que existem; a quantidade de resíduos gerados é enorme, quando eu levo toras que ainda não foram melhoradas para serem processadas. Como elas são circulares e tem galhos e tudo mais, quando falo obtenção de madeira serrada eu transformo essa tora em 50% de resíduo. Já foi mencionada aqui ontem a necessidade de termos trabalhos em cadeia, para que o resíduo de uma seja matéria-prima de outra, o que de uma forma mais sofisticada, a gente chama de "cluster", ou aglomerado de indústria, uma utilizando o resíduo da outra.

Mas a indústria de base florestal, ela é extremamente desperdiçadora. Quando o motosserrista vai serrar uma árvore, o simples fato de ele passar a motosserra ali a cada 2 a 2,5 metros, faz com 0,25% do volume da árvore fique na forma de serragem no campo. Quando ele corta a árvore e deixa toco a 20 cm de altura, ao invés de ele cortar mais rente do solo, ele deixa 2% do volume da árvore, por que ali está a maior parte do volume onde é o maior diâmetro. E assim vai, quando o setor florestal limita a utilização das toras em 7 cm como diâmetro mínimo eu consigo deixar como resíduos aproximadamente 1% do volume da árvore. Então, essas coisas de desperdícios, quando você faz laminação então nem se fale - laminação é uma indecência, porque quando você faz laminas você busca qualidades notáveis - não podem ter defeitos, não podem ter nozinhos -, então imagine a quantidade de resíduos que se gera para você laminar uma madeira de qualidade questionável.

Se nós incluirmos uma gestão ambiental eficiente nas empresas, nós saberemos aproveitar a nossa matéria-prima. Outra coisa que eu gostaria de informar é que somos nós, que vamos fazer compras no supermercado, nós estaremos cada vez mais motivados a comprar produtos amigos do meio ambiente. Então nós vamos querer comprar mais "coisas verdes", isso é inexorável. A realidade do século 21 é que nós vamos querer comprar coisas em função de toda essa temática ambiental e mecanismos de desenvolvimento limpo. E toda essa discussão que a mídia oferece estimula o quê nós vamos querer comprar. Então os selos verdes serão certamente mais valorizados durante esse século. Nós vamos chegar na prateleira do supermercado e vamos querer escolher produtos que sejam amigos do meio ambiente.

Assim, as empresas que respeitam o meio ambiente e querem selos verdes, hojeainda são poucas, mas ao longo dos próximos anos isso crescerá,

vão descobrir que a qualidade ambiental e qualidade social são suas responsabilidades também e muito intensamente.

Toda a atividade que nós exercemos, quer seja a nossa atividade como indivíduo, quer seja a nossa atividade empresarial ou educacional, gera impactos ambientais. Eles têm que ser avaliados e devem ser controlados e precisam ser medidos. Este é o princípio básico desses processos de certificação. Esses processos de certificação - ISO 14.001 -, basicamente visam entender os impactos ambientais causados, controlá-los e minimizá-los. Então isso tem uma colocação de pressão e resposta, ou seja, eu identifico o impacto, eu faço uma pressão para reduzir e tenho uma resposta.

Quando o FSC coloca toda aquela lista que vocês viram ontem, tudo aquilo são impactos que foram identificados, oportunidades de melhorias que foram identificadas e eu exerço uma pressão, através de um indivíduo e de um critério ou de um princípio, e espero que as pessoas que querem a certificação, respondam, mitigando ou desacelerando o processo de impacto para que ela possa receber a certificação, quer seja ISO 14.001, quer seja um certificado florestal.

O que é bom hoje, pode não ser amanhã. A ciência vai evoluindo; os assuntos vão sendo mais esclarecidos; e se hoje nós achamos que conservar o solo é fazer plantio em nível ou colocar terraços, pode ser que daqui a 20 anos não seja isso. Pode ser que seja uma coisa completamente diferente. Por exemplo, nos Estados Unidos todos os engenheiros florestais conhecem a lenda do Paul Bunyan? Paul Bunyan era um guri que nasceu enorme com um machado na mão. Deve ter sido um parto doloroso. E quando ele ficou grande ele cortava com uma só machadada 40 a 50 árvores milenares naquela região de Oregon, região de Sequóias e Abetos. Ele era um lenhador herói, considerado um lendário herói americano; eu tenho 2 ou 3 filminhos sobre Paul Bunyan que eu comprei nos EUA, lá nas livrarias. Parece mentira que até hoje o Paul Bunyan é um herói das crianças derrubando árvores. Então aquilo era uma coisa boa na época; hoje é um absurdo, dizer que essa pessoa era um herói – hoje ele seria um criminoso ambiental - nos conceitos de hoje.

Outra coisa: existe toda uma confusão sobre, o que é um selo, o que é um certificado e quem se preocupa com isso, porque será que as empresas mergulham na busca do certificado ambiental? Será que elas querem ser mais ambientalmente amigas do ambiente? Será que elas querem o desenvolvimento sustentável? Será que elas querem provar que praticam desenvolvimento sustentável?

Eu não tenho dúvidas que existem diferentes fatores em jogo nesse processo, mas esse processo de certificação é voluntário, as empresas podem querer ou não obter. Agora se o competidor obtém, aquele que não obtém é mostrado pelo seu competidor como incompetente ou pior ambientalmente. Então o processo é praticamente um processo de competição. É competição empresarial, porque alguns como eu mesmo disse para vocês, eu vivenciei isso na época que eu era diretor da RIOCELL. A RIOCELL foi uma das primeiras empresas certificadas com a ISO 14.000 na área ambiental no mundo. Eu participei de um evento em Toronto, sobre a ISO 14.000 florestal, e lá no intervalo do evento eu levei o certificado ISO 14.001 florestal, ISO 14.001 que a RIOCELL tinha obtido. Liguei o retroprojetor, coloquei a lâmina e deixei lá ligado. Quando o pessoal de 20 e poucos países chegaram e começaram a olhar aquilo, nenhum deles sabia sobre isso - então eles vieram pedir

explicação de como nós tínhamos conseguido um certificado que tinha sido reconhecido na Alemanha e na Holanda. E uma empresa brasileira, na concepção de muitos europeus, de um país que na visão deles agride o meio ambiente; então era uma oportunidade, as empresas buscam uma imagem como oportunidade, como competição, como mercado, como abertura de mercado e assim por diante. É muito mais isso do que realmente fazer desenvolvimento sustentável, já que ter o selo significa que eu quero preservar a biodiversidade, eu quero conservar o solo, não, é mesmo uma busca metodológica. Por outro lado, fica para vocês muito simplesmente.

Se eu tenho uma empresa confiável, pode até ser uma ONG, pode ser uma empresa certificada como a ABNT, se essas empresas resolverem criar um processo de certificação, um sistema de certificação, elas têm que, primeiro, definir os indicadores dos princípios e os critérios junto as partes interessadas, porque não há nenhuma empresa certificadora que vai dar um certificado se esse certificado não tiver credibilidade, junto as partes interessadas, e a parte mais interessada nisso é o consumidor, afinal de contas um certificado é para produtos, então o consumidor tem que estar presente na mesa para conversar.

Mas o consumidor pessoa física, é difícil, então associações de consumidores, associações que defendem os interesses de classes, classes empresariais e dos produtores e as empresas de certificação junto com entidades científicas e organizações não governamentais trabalham para definir os critérios de certificação.

Definido junto com esse fórum que implica quase em audiências públicas, com participação de pessoas para definir esses critérios indicadores, depois submeter esses critérios indicadores à opinião pública, enviando questionários, como hoje em dia se faz em nível de certificação florestal, das pessoas opinarem e depois consolidando isso você tem um processo de certificação, onde aquela empresa ABNT ou uma ONG, ou uma outra certificadora, cria o seu processo de certificação. Pode ser uma certificação de qualidade, pode ser uma certificação de origem, espécie, assim como pode ser uma certificação florestal, é o caso do CERFLOR.

O CERFLOR ou a ABNT são entidades certificadoras; elas estão dialogando com a sociedade, com as partes interessadas para estabelecer os critérios. A própria ABNT, definido os critérios, vai receber algumas empresas que vão estar interessadas em obter a certificação CERFLOR. Isso não é um selo verde. É uma certificação. Vai receber a certificação com bom manejo florestal do CERFLOR; a auditoria vai lá com esses auditores, audita, vê se está tudo em ordem, têm planos adequados, está tudo bem controlado, e dá o certificado. E a empresa então pode dizer: eu tenho as minhas florestas certificadas de acordo com o CERFLOR.

Agora isso é certificação não pode ser local, ela precisa ser reconhecida por órgãos equalizadores de mutuo reconhecimento..

Foi o TC 207, que vocês ouviram falar, e esse TC 207 então trabalha na elaboração das normas que definem a série ISO 14.000, sendo que uma das normas é a ISO 14.001, que é uma norma como foi vista ontem pela Mauren, uma norma que não implica em performance ou desempenho ambiental exemplar, mas em sistema de gestão ambiental. Definida a norma, essa norma então, a ISO que é uma instituição internacional e elaboradores de normas, essa norma está consolidada, ela publica a norma por 6 meses, para fazer um teste da norma. Se tudo corre bem, ou se a norma tem que ter alguns ajustes,

essa norma é ajustada e posteriormente ela vira uma norma oficial da ISO. Então a ISO 14.001, desde 96 é uma norma oficial da ISO para sistemas de gestão ambiental. Só que a ISO não faz auditoria, tampouco interpreta a norma para condições locais. Então a ISO credita ou dá o credenciamento a que órgãos locais em cada país, aqui no Brasil é o INMETRO, no Reino Unido é o NACCD, enfim, esses credenciadores, eles pegam aquela norma, eles pegam a realidade do país, eles dialogam com as empresas auditoras e elas interpretam como é que eles vão julgar aquela norma e como é que eles vão auditar as empresas que voluntariamente quiseram ser certificadas pela ISO 14.000.

Para que não existam grandes disparidades entre os diferentes órgãos credenciadores, existe um fórum internacional de credenciadores que se reúne eventualmente para discutir sobre como é que está indo, como é que está se fazendo: lá no Brasil está fazendo assim ou está fazendo assim, tá tudo bem. Então tem esse grupo de trabalho, que se reúne para dar consolidação à forma de ser auditado. Porquê? Por que uma norma, uma certificação ISO 14.001, fornecida pelo INMETRO, tem que ser validado no mundo todo. Ela tem que valer no mundo todo, isso se chama reconhecimento mútuo; todos os países aceitam que os credenciadores locais, quando emitem os certificados, eles estão aptos e tem credibilidade para fazer isso.

Aí vem as empresas auditoras, algumas empresas que já trabalhavam em auditoria fiscal, auditoria de segurança, como a Bureau véritas que trabalhavam em auditoria de segurança. A Price trabalhava com auditoria fiscal, essas empresas já tinham costume de fazer auditorias e essas empresas então buscaram se habilitar para fazer também auditoria ambiental.

E essas empresas também podem ter algumas interpretações diferentes da norma. E essas empresas, elas são a chamada terceira parte, essas empresas vão, auditam a empresa que voluntariamente se habilitou a ter o certificado e se ela tiver conforme, e não tiver não conformidades muito graves, a empresa pode ter sua certificação. Só que essa certificação, ela não é uma certificação de produto e sim um certificado de gestão. E essas empresas brasileiras tem certificado ISO 14.001 para a área florestal, eu vou dizer algumas delas ou todas, porque tem um documento aqui que me diz claramente que no Brasil existem hoje, certificados com ISO 14.001 na área florestal, 8 empresas, com um total de 915.947 ha certificados por ISO 14.001, as mais comuns e conhecidas: a BAHIA SUL, a RIOCELL, a CENIBRA, a ARACRUZ, a RIPASA, essas são as empresas certificadas com a ISO 14.001.

Agora como provar que com a ISO 14.001 a empresa possa argumentar que tem um bom manejo florestal? Porque não há dentro da ISO 14.001 uma definição de quais são os critérios para o bom manejo florestal sustentável, por isso nós criamos um grupo de trabalho que se reuniu durante algum tempo, 40 ou 50 delegados de 22 países que se reuniu durante algum tempo e sobre o guarda-chuva da ISO, criou um documento técnico definindo o que seria práticas de um bom manejo florestal.

As empresas que quiserem ser certificadas por sistema de gestão ambiental e, ao mesmo tempo, quiseram mostrar que tem um bom sistema de manejo florestal, elas podem definir dentro da sua gestão, que elas querem seguir esse documento técnico da ISO e querem ser auditadas de acordo com aquele documento técnico, mostrando ter cumprimento dos indicadores. Os seus indicadores de gestão ambiental, mostram que ela tem um bom manejo florestal, essas empresas que eu citei, não fazem isso, elas tem na verdade um

sistema de gestão ambiental bem definido.

O que é um sistema de gestão ambiental bem elaborado e bem traficado?

Primeira coisa, a empresa cumpre a lei que se relaciona a ela, nada mais justo, a empresa tem que cumprir a lei ambiental, que é imposta a ela, então esta é a condição fundamental, não cumpre a lei não tem certificado.

A Segunda coisa é, a empresa tem que avaliar todos os seus impactos ambientais, ela tem que definir o nível e a magnitude desses impactos ambientais em todas as suas operações. Definidos aqueles que têm magnitude grande, negativa. A empresa precisa controlar esse impacto ambiental ou mitigar esse impacto ambiental, para isso ela elabora documentos técnicos, ela elabora procedimentos e eventualmente vai a universidade na busca então de alguma solução tecnológica que permita a ela, controlar esse impacto ambiental.

Como a atividade florestal é de longo prazo, muitas vezes, o simples fato de uma empresa ter um processo em evolução para atender esse impacto ambiental, é considerado pela empresa auditora como suficiente para que ela possa receber a certificação, desde que os conhecimentos vão surgindo deste processo de descobertas sobre o impacto, vão sendo incorporadas pela empresa, então a empresa tem que cumprir a lei, avaliar os impactos ambientais, comprovar os impactos significativos, ter um plano de melhoria contínua ambiental que ela prevê sempre a cada ano e ter metas ambientais de melhoria.

A empresa define as metas essa é a grande diferença do selo verde: na certificação ISO 14.000 a empresa tem a condução do processo - ela define as suas metas ambientais, ela define a sua política ambiental, ela tem que esclarecer, não adianta nada a empresa dizer assim: a minha empresa, ela produz madeira serrada nas melhores condições ambientais, sociais e econômicas, ela tem que definir porque que ela é melhor ambiental, o que é melhor social, e o que é melhor econômica. Ela tem que definir indicadores senão ela não pode ser auditada; não se sabe como auditar uma empresa que não define os seus indicadores.

E essa política tem que ser conhecida por todos na empresa e praticada por todos na empresa e finalmente a empresa tem que ter uma ampla abertura com as partes interessadas. Uma empresa ISO 14.001 não pode fechar suas portas aos anseios da comunidade. Se vocês chegarem a uma empresa certificada: olha eu sou um vizinho aqui e eu gostaria de conhecer o seu sistema de controle ambiental, eu estou muito preocupado com o que vocês fazem, eu gostaria de conhecer mais. A empresa tem que receber vocês, levar, mostrar, explicar. Se as pessoas vão e querem fazer uma visita e debater os aspectos ambientais, a empresa tem que receber abrir um auditório, escolher, fazer um debate, porque a parte interessada tem que ser ouvida. Se a parte interessada não for ouvida, a empresa se fecha, a parte interessada pode reclamar na justiça.. A empresa fica ameaçada de perder a sua certificação, então se a empresa voluntariamente fez um sistema de certificação ambiental, ela se expõe realmente, a ter que dialogar. Eu expliquei e espero que todos tenham entendido, nesses 10 minutos, o que é certificação ISO 14.001, e porque é muito mais fácil ir para a ISO 14.001 do que para a certificação florestal. Por que?

Porque é aceita internacionalmente, as empresas já tem tradição em

auditorias, as empresa já tem certificação ISO 9.000, para a qualidade, a maior parte delas é muito similar, tem reconhecimento internacional, existe então realmente uma tendência natural das empresas irem para a ISO 14.001, com ou sem uma definição de critérios de sustentabilidade florestal, mas se temos um bom sistema de gestão ambiental, já se tem um excelente passo inicial das empresas e não se esqueça, é voluntário.

Agora o que é um selo verde ou rótulo ecológico?

O selo é alguma coisa de produto, alguma coisa de prateleira, eu coloco aqui um selo, se eu tenho um selo para este microfone, é um selo que mostra que meu produto é ambientalmente seguro, ou é um selo de qualidade ambiental diferenciada em relação a produtos equivalentes. É alguma coisa que permite o consumidor escolher aquilo que é bom ambientalmente em suas opções de compra.

Então vejam que o selo FSC, que está sendo colocado e tem sido colocado em quase todos os locais que eu vou, quase que como única forma de certificação florestal, é apenas uma forma de certificação florestal e não pode ser considerado um selo verde.

Existe hoje no mundo definidas pela FAO, mais de 90 sistemas de certificação florestal, uma grande confusão na área. Qual sistema é bom, será que ele não é muito frouxo? Os europeus podem pensar: será que o CERFLOR não é um jeitinho que os brasileiros fizeram para se dar um certificado florestal?

Então, existe hoje na verdade uma grande confusão. O FSC tem uma vantagem que é o único sistema global, mas não significa que ele é aceito em todos os países. Diversos países rejeitaram o FSC, o Brasil aceitou o FSC, mas também decidiu que se deveria prestigiar o CERFLOR como alternativa, porque nada melhor do que discutir com as ONGs mais radicais, Nada melhor do que debater com eles, escolher um processo de melhor qualidade. Então o FSC no Brasil tem uma grande vantagem, que ele se somou muito rapidamente com a ISO 14.001, tanto que existem diversas empresas que possuem a certificação ISO 14.001 como a própria RIOCELL, como a ARACRUZ, como MANNESMAN que querem também o certificado do FSC. Como o caso da própria MANNESMAN que já conseguiu. A RIOCELL está em vista de conseguir também. Então na verdade é um somatório para a empresa: o certificado de sistema ambiental através da ISO 14.001 e um certificado de manejo florestal para colocar, carimbar nas suas madeiras quando vender madeira ou nas celuloses quando vender celulose dizendo que aquilo é feito com madeira que vem de floresta sustentada.

Eu estava dizendo para vocês que o selo verde é um certificado de produto e não um certificado florestal. Por isso, essa situação do selo FSC é uma situação ambígua, o FSC é ao mesmo tempo uma entidade que elabora os princípios e critérios. O FSC detém as duas coisas, ele é um negócio que dá a certificação florestal que é para o manejo florestal que na verdade é mesmo um certificado e ele dá também um selo quando é produto (através da cadeia de custódia).

Então a FLOSUL quando vem com a sua madeira certificada coloca um carimbo, o carimbo é um selo, então na verdade o ISO 14.001 não é um selo é um certificado, a empresa não pode carimbar nos seus produtos ISO 14.001, ela tem um certificado e não um selo. Está claro para vocês?

O FSC tem então uma função mista, ele engloba as duas coisas e é o sistema mais conhecido, mais global, até porque em todos os locais onde ele é

implementado, ele é implementado com uma ampla discussão, até às vezes morosa demais com as ONGs, até o Brasil só para vocês terem uma idéia, existe um documento que está na sua sétima versão. Começou em 1997 a ser elaborado e nós estamos no ano 2000, aliás quase 2001, sobre plantações florestais, que nada mais é do que pegar os princípios e critérios do FSC e interpretar sobre a realidade brasileira e rescreve-los sobre a realidade brasileira. E como há muitas gestões políticas e muitas pressões entre as diferentes ONGs, e as diferentes associações de classe o negócio fica demorado e as vezes até inviabilizado.

Mas de qualquer forma o sistema está andando e se está próximo de se conseguir o documento sobre plantações florestais aqui no Brasil, porque o negócio de plantações florestais é algo polêmico e existe uma série de coisas difíceis de você definir sobre organismos geneticamente modificados, sobre aplicações de pesticidas, sobre o melhoramento da engenharia genética, essas coisas todas, bastante complicado como plantio de nativas, colheita de nativas e assim por diante.

Eu queria falar para vocês sobre os selos, existem diferentes tipos de selos. O selo mais comum é o selo de terceira parte que vai ter definidos os critérios por uma terceira parte. No Brasil, a ABNT junto com a sociedade, então veja que o selo tem que ter especificidade: os selos para máquinas de lavar roupa, selos verdes para detergentes, existe lá na Alemanha o selo anjo azul que tem mais ou menos 7.000 produtos que recebem esse selo, tem que se habilitar para o selo.

Agora tem uma grande coisa, eu quero que vocês entendam bem isso é uma grande diferença em relação ao FSC de que eu vou a partir de agora reforçar. O selo verde deve ser um selo, um carimbo para ser colocado em produtos, para diferenciar os produtos que são mais amigos do meio ambiente do que seus competidores e por essa razão o selo não é para todos, só os que são ambientalmente melhores, e os critérios para definir o selo verde são elaborados por terceira parte.

E se muitas empresas começam ganhando, o selo verde tem que ter seus critérios mais apertados, você tem que apertar os critérios para impedir isso. O selo verde é para atender no máximo 30% do mercado, não é para todo mundo ganhar selo verde. Então se eu tenho um determinado país, aqui no Brasil por exemplo, digamos que eu tenha coca-cola, pepsi-cola e outras colas por aí. Se a pepsi-cola tem 30% do mercado, a coca-cola tem 50%, e as outras colas tem o restante, se a coca-cola ganhar o selo verde, evidentemente as outras não vão ganhar porque já se atingiu e superou os 30%.

A minha preocupação com o selo FSC e com esses selos de certificação florestal, é que nós estamos caminhando tão rapidamente, em todo mundo, na busca de certificado e do selo FSC que no ano 2005, no máximo 2005, quase todo mundo vai ter o selo, e quase todo mundo vai ter um certificado de "prática de bom manejo florestal" ou "eu pratico o manejo florestal sustentável".

Eu vou dizer para vocês uma coisa, no Brasil temos certificados pelo FSC, que foi a opção brasileira para certificação, nós temos 713.000 ha já certificados. As empresas: FABER em MG, a DURATEX e a EUCATEX na disputa evidentemente, os concorrentes estão certificados, FLOSUL aqui no RS, a FLORESTECA no MT, a KLABIN que tem uma das maiores áreas certificadas, 221.000 ha, a PLANTAR em MG - enfim, temos já muitos

exemplos de empresas certificadas.

Agora eu vou dizer para vocês uns dados alarmantes: o Canadá possui hoje, aproximadamente, 25 milhões de ha certificados pela ISO 14.001. São 21 milhões de ha pelo sistema CSA e 3 milhões de ha pela iniciativa americana, porque vejam só a situação canadense, como muita da madeira produzida no Canadá é exportada para os EUA, muitas empresas canadenses, quiseram se certificar as suas florestas pelo sistema americano. Então existe no Canadá certificado pelo sistema americano 715 mil ha, e pelo FSC só 21 mil ha, ou seja, o Canadá, um dos maiores países do mundo em termos florestais não encontrou no FSC como sua alternativa de certificação.

A Finlândia tem um sistema próprio com o qual já certificou 15 milhões de ha e espera certificar até o fim do ano 2000, agora, 90% das suas florestas por esse sistema. O FSC que é o único sistema global no mundo todo já tem hoje certificado 18 milhões de ha - aqui no Brasil 715 mil como vocês viram; o sistema europeu, que engloba 16 países, é um sistema regional, tem 23 milhões de ha certificados, e pretende ter até o fim de 2001 certificar mais 20 milhões de ha. A África do Sul já tem 1 milhão e meio de ha certificados pelo FSC. Na Europa, a Suécia foi o único país que realmente abraçou o FSC e tem uma grande quantidade de áreas certificadas.

Como é que ficará isso então, se daqui a poucos anos todos vão ter as suas florestas certificadas com bom manejo? O consumidor que é a parte mais interessada vai estar confuso, porque o sistema de certificação oportuniza que todos ganhem o certificado. E o selo verde, que só é dado aos bons? Se todos ganham o certificado florestal, como saber quem são os melhores, porque todos vão estar certificados.

Existe uma preocupação grande, sobre esses diferentes sistemas, porque cada país está fazendo o seu. Então daqui a pouco todo mundo vai ser certificado por sistemas locais. Um grupo que eu já participei, de empresas florestais que se reúnem tentando fazer uma matriz comparando todos esses sistemas para ver a credibilidade, ou até que ponto esses sistemas são homogêneos. Por quê?

Porque a idéia agora em função da confusão armada, é estabelecer o Reconhecimento Mútuo Mundial, válido para o planeta Terra. Assim nós vamos ter um sistema global, de reconhecimento mútuo, onde esse sistema vai quase que fosse um cartorial. Os sistemas locais vão ser julgados para ver se são bons e comparáveis aos já tradicionais. Àqueles que se adequarem e tiverem um tipo de similaridade com os demais, será conferida a eles, a chance de ter o certificado local e o certificado de reconhecimento mútuo igualmente. Mais confusão para o consumidor que vai comprar o produto. Para ser um sistema de certificação florestal, precisa ter alguns atributos.

Esse sistema, que é mundial, existe aqui vocês podem ver na sua revista *Silvicultura* nº 82, onde o Rubens Garlipp, que participa dessas negociações, ele tem aqui alguns comentários, sobre essa problemática de reconhecimento mútuo, porque hoje o quente nessa história toda, é o reconhecimento mútuo. Como é que eu vou provar que o meu certificado local (exemplo CERFLOR) é bom a nível mundial. Muitos são completamente locais, aqui no Brasil o CERFLOR, vai começar esse ano, ou no início do ano que vem, já há empresas aí se habilitando a ser certificadas pelo CERFLOR

Agora, digamos que eu tenho sistemas com reconhecimento mútuo, digamos que eu continue permitindo que todo mundo tenha o certificado, eu

vou continuar com um problema que é o consumidor não vai saber definir quem é bom e quem não é entre todos os que possuem o certificado. Oiu todos seriam imbatíveis em termos ambientais e florestais? ,

Agora eu gostaria de fazer uma pergunta:

Será que a certificação florestal vai garantir um manejo florestal sustentável?

Será que as empresas realmente estão preocupadas em obter, em ter um manejo florestal sustentável ou elas estão preocupadas em ter um carimbo para colocar no produto, ou um certificado para colocar na parede da presidência da empresa, para ser admirado pelos visitantes?

Eu tenho dúvidas, porque, principalmente hoje nas universidades, nós raramente somos procurados com audaciosos projetos de entender a problemática ambiental, causada pelo impacto ambiental gerado pelas empresas florestais. Nós raramente somos procurados para que as nossas teses sejam voltadas para esse processo de entendimento dos impactos ambientais ou das plantações e assim por diante. Muito disso parte da iniciativa dos próprios alunos, que muitas vezes tem uma vocação na parte ambiental, porque é uma parte atrativa atualmente dentro das universidades e busca estudar manejo de florestas mistas, entendimento melhor das nativas e assim por diante. Eu não vejo no momento atual desse ano de 2000 uma grande procura das empresas de base florestal nas universidades, na busca de solução mais ambientalmente sustentável.

Eu acho que hoje esse negócio de certificação florestal parece mais um vírus, que está crescendo rapidamente. É bom, as empresas estão ficando melhores, não entendam a minha palestra como uma negativa, pelo contrário, é bom, mas não é um processo ainda otimizado, e mais ou menos como você dá uma aspirina para controlar uma doença que você sabe muito bem qual é, ou seja, você vai melhorar, você vai tirar a dor de cabeça por um tempo.

Mas você precisa estudar ainda muito bem os aspectos florestais em termos de desenvolvimento sustentável, de sustentabilidade.

O conflito é muito grande. Eu participei de um evento o ano passado em Berlim sobre florestas e havia uma polêmica enorme: uma polêmica muito grande entre uma ala que dizia, que você tinha que fazer a gestão da paisagem, que você não podia ter plantios extensos, porque extensos plantios podiam diminuir a biodiversidade. Então você tinha que ter mosaicos, e quando você na verdade olha a paisagem, a floresta amazônica não é um mosaico, a antiga floresta de araucária não era um mosaico, a natureza não "mosaïqueia" as coisas, tudo pequenino, como a agricultura faz mosaico. Aqui mesmo na exposição tem uma foto onde vocês podem ver de um sistema ali de fotografias aéreas, uma exposição onde vocês podem ver que há um mosaico, agora a natureza na verdade ela trabalha com reboleiras. Então há muito que entender será que o sistema de mosaico, da gestão da paisagem por mosaico é o mais interessante? Como é que podemos garantir a manutenção produtiva dos ecossistemas como é que nós podemos definir se um ecossistema é frágil ou não? Como é que nós podemos estabelecer os assuntos ligados a conservação da produtividade florestal no longo prazo?

Eu sou agrônomo silvicultor e me lembro muito bem quando eu estudei agronomia que, uma das primeiras coisas quando a gente saía daquelas matérias básicas, era o chamado planejamento conservacionista onde uma das coisas era você usar a terra fazendo rotações de culturas; nunca plantar a

mesma coisa no mesmo lugar sempre; você iria alternando as culturas, plantar uma leguminosa ou uma gramínea e depois você plantava um pomar ou café e deixava um certo tempo. Então intercalava culturas e diferentes níveis de exigência ou diferentes níveis de contribuição. Parece-me que agora o setor florestal está começando a fazer algumas coisas de planejamento do uso do solo, planejamento conservacionista. Até muito recentemente o florestal considerava solo como substrato das árvores. Agora mais intensamente e nos últimos 40 anos, inúmeros estudos tem sido feitos sobre solos florestais, mas há muito o que fazer ainda. Aqui no congresso há diversos posters tentando esclarecer alguma coisa sobre essa dinâmica da ciclagem dos nutrientes.

A parte sócio-econômica, que é muito valorizada dentro do desenvolvimento sustentável, é muito primitiva ainda em termos de avaliação. Eu vi ontem, pessoas defendendo que o setor florestal gera muitos empregos, mas empregos de má qualidade meus amigos. A maior parte deles é de 200,00 reais por mês, esse emprego não é muito valorizado talvez até pelos políticos. Eu já vi um antigo aluno meu que eu tive que puxar a orelha dele quando em uma reunião em um determinado fórum ele disse muito orgulhosamente: a minha área de colheita florestal vai ser reduzida em 400 pessoas porque eu vou substituir as pessoas por mecanização. E eu disse: meu amigo eu fico entristecido em ver você falar isso, porque você vai colocar quase 400 famílias que já ganham mal numa situação constrangedora. Se você quer fazer isso antes treine essas pessoas durante um ano para aprenderem a fazer outra coisa a não ser cortar árvore, para aprender a ser mecânico, pedreiro ou coisas desse tipo para que eles possam realmente exercer outro papel na sociedade, e até dar a oportunidade a eles para que possam realmente exercer outro papel na sociedade. E até oportunizar à eles, talvez, desenvolver algum processo de utilização dos resíduos para que eles possam também utilizar os resíduos que vocês possam doar à eles, para produzir carvão alguma outra coisa nesse sentido.

Então há muita coisa a se fazer em termos de benefício sócio econômico. Benefício sócio-econômico não é só dar hospital, dar alguns quartos, algumas salas do hospital ou dar dinheiro para igreja. Benefício sócio-econômico é dar principalmente educação para pessoas que trabalham contigo para que eles possam, numa eventual necessidade de redução de quadro, terem outras oportunidades e também salários mais justos que um dólar por dia, porque aqui no Brasil existe, pelos padrões da ONU, 25 milhões de miseráveis. O que é um miserável pelos padrões da ONU? São pessoas que ganham, em média, menos que um dólar por dia. Se você pegar uma pessoa que ganha 200 reais por mês, ao passar para dólares, dá 100 dólares/mês. Se você dividir entre as pessoas da família dele que são 4, esses 100 dólares vão se transformar em 25 e vai ser menos que um dólar por dia por pessoa. Em resumo, muitos de nossos trabalhadores florestais são considerados miseráveis de acordo com os critérios das Nações Unidas.

A ciência pode ajudar e muito. Eu convoco as empresas de base florestal para que realmente busquem um intercâmbio maior com as universidades, com os centros de pesquisa. Eu sugiro convocar as empresas de base florestal e as empresas públicas do setor, que realmente dialoguem mais. Principalmente eu convoco as pessoas da comunidade que busquem todo o fórum de oportunidade para dialogar, para que façam acontecer com mais debates. Se vocês acharem alguma coisa que não é boa, que vocês não

estão contentes, não aceitem isso passivamente. O brasileiro é muito passivo. Eu já disse ao meu amigo Élio Santini, se lá na Universidade segunda-feira, continuarem derrubando os eucaliptos que estão derrubando, eu vou convocar os alunos para abraçarem as árvores e impedir que elas sejam derrubadas e, nós, se acreditamos em alguma coisa, temos que fazer, temos que ajudar a melhorar esse planeta. Não podemos aceitar passivamente que esse país mergulhe cada vez mais nessas coisas que a gente vê a mídia colocando.

Certificação florestal é um caminho muito bom. Certificação ambiental é também é algo muito bom - mas a melhor coisa de tudo isso é a motivação para construir um mundo melhor, muito obrigado.

Questionamentos:

Eng. Ftal Antônio Carlos Bueno e Souza, FEEE:

Falou-se na palestra quase que basicamente sobre o certificado e o selo, apesar de que essa não é a minha área de atuação, eu estou a recém entendendo alguma coisa a respeito, apesar que existe nas publicações, a preocupação que eu tinha era de saber qual é a sua opinião, que se existe a questão da utilização do licenciamento ambiental, e que me parece mesmo tenha projetos que eu até participei do pró-rural, pró-guaíba, banco mundial, banco interamericano, há uma necessidade de cada projeto de microbacia, para cada atividade do licenciamento ambiental. Isso não confunde também, o cara que tem licenciamento é como se tivesse o selo?

Prof. Celso Foelkel:

Não, são coisas muito diferentes, o licenciamento foi uma coisa que surgiu nos anos 70 e surgiu bem, uma necessidade da empresa para estabelecer as suas operações ou para continuar operando ela teria que fazer, primeiramente para estabelecer as suas operações fazer um relatório de impacto ambiental, quando ela faz relatório de impacto ambiental, ela avalia os impactos ambientais causados quer seja em água, no solo, no ar ou na sociedade e ela procura então mostrar o que ela vai fazer, ela vai ajudar a minimizar, ela vai usar tecnologias mais modernas, etc. Para isso primeiro a empresa recebe uma licença prévia de instalação e posteriormente após a licença prévia ela recebe uma licença de instalação, mas para ela ter essa licença do órgão que concede a licença e que normalmente aqui no estado do RS é a FEPAM e já alguns municípios estão concedendo, autorizados pela FEPAM a dar o licenciamento, o licenciamento é algo legal, é algo da lei. Primeiro é a empresa vai cumprir com as exigências da lei, quais sejam: existem algumas legislações no Brasil em termos de poluição, por exemplo, o Conama 20, então a empresa vai, a FEPAM por exemplo, ao outorgar esse licenciamento ela vai exigir que a empresa cumpra aqueles requisitos da lei que ela vai especificar e ao mesmo tempo, talvez em função da magnitude do impacto ela pode colocar outras exigências mais restritivas e algumas vezes extremamente restritivas por exemplo, se você tem uma região muito conturbada, muito cheia de empresas você colocando uma nova empresa é complicado, você às vezes tem já muitas empresas gerando poluentes, ou muitos carros, colocar uma empresa grande em Porto Alegre ou em Caxias do

Sul, já a FEPAM ou o órgão público que vai ceder o licenciamento ela tem que avaliar muito bem e tem que fazer uma exigência muito maior do que para outras que já estavam no local, porque existe o chamado efeito bolha, o efeito bolha é uma bolha poluição quer seja no ar, na água ou no solo que as vezes pode estar no seu limite. Se você concede a outra empresa introduzir-se ali, aquela bolha pode explodir. Então esses órgãos ambientais eles colocam alguns condicionantes que normalmente são mais expressivos do que a legislação. Agora, muitos desses condicionantes são estabelecidos em função de ouvir a comunidade também, porque a concessão da licença final que a empresa possa realmente se instalar e operar, o órgão público que concede a licença ele estabelece algumas audiências públicas, pode ser uma ou mais dependendo do nível de impacto se é em uma comunidade ou em diversas comunidades e após ouvirem as opiniões da comunidade o órgão estabelece um licenciamento de instalação da empresa. A empresa após instalada ela tem que anualmente recredenciar o licenciamento aqui no RS, mas existe uma tendência para ser um prazo mais longo a nível nacional porque anualmente é muito complicado o órgão ambiental ter de julgar tantas empresas e assim por diante. A FEPAM na verdade reautoriza o alvará de funcionamento e ela pode estabelecer novas condicionantes, e essas novas condicionantes principalmente em função de novas tecnologias ou de mudanças sócio econômicas da região. A licença ambiental é algo legal e muito bom, eu acho muito bom ter licença, senão a empresa vem aqui coloca um frigorífico aqui em Nova Prata joga as poluições, todo o sangue no riozinho e fica por isso mesmo. Agora o licenciamento faz com que ele tenha uma avaliação de impacto ambiental, se é bem feito ou não, mas a comunidade pode participar, pode pedir audiência pública a comunidade ela não é juíza, mas pode ajudar a melhorar aquela licença de operação e essa licença de operação como eu disse ela é legal. Você pode ter uma empresa que tem a sua licença de operação caçada e com isso ela pode perder seu certificado ISO 14.001. São coisas relacionadas que se complementam, não é uma em competição com a outra.

Eng. Ftal Flávia Bulhões, SAA:

Professor Celso eu tenho uma dúvida que eu já conversei com algumas empresas, conversei com o Leonel da FLOSUL e depois com o Totti sobre os motivos que levam as empresas a buscarem a certificação, cada um deles tem um motivo diferente no caso da FLOSUL alguma exigência dos consumidores que acelerou o processo que já estava em discussão e no caso da RIOCELL, eles estão se adiantando a uma exigência que eles prevêem que vai haver por parte dos consumidores. O senhor que viaja muito, que conhece mais gente, o que seria o principal motivo que leva uma empresa a intervir neste tipo de processo?

Prof. Celso Foelkel:

Bom, eu acho que eu expliquei na apresentação, a primeira delas é o mercado mesmo, e a segunda, é a competição entre as empresas. A partir do momento em que a FLOSUL ganha o seu certificado outras empresas vão

acabar querendo também principalmente as que competem no mesmo ramo ou mercado. A RIOCELL na verdade está buscando o certificado evidentemente hoje, não há uma pressão muito grande sobre a celulose, mas a RIOCELL é sabido, tem um processo de venda de madeira para a Boise que vai fazer lâminas e essa lâmina da Boise se não for certificada vai ter dificuldade para vender. Então é mercado, o mercado é exigente e a competição entre as empresas que disputam o mesmo mercado. Isso faz com que as empresas acabem buscando a certificação para não ficarem em desvantagem em relação aos seus competidores.